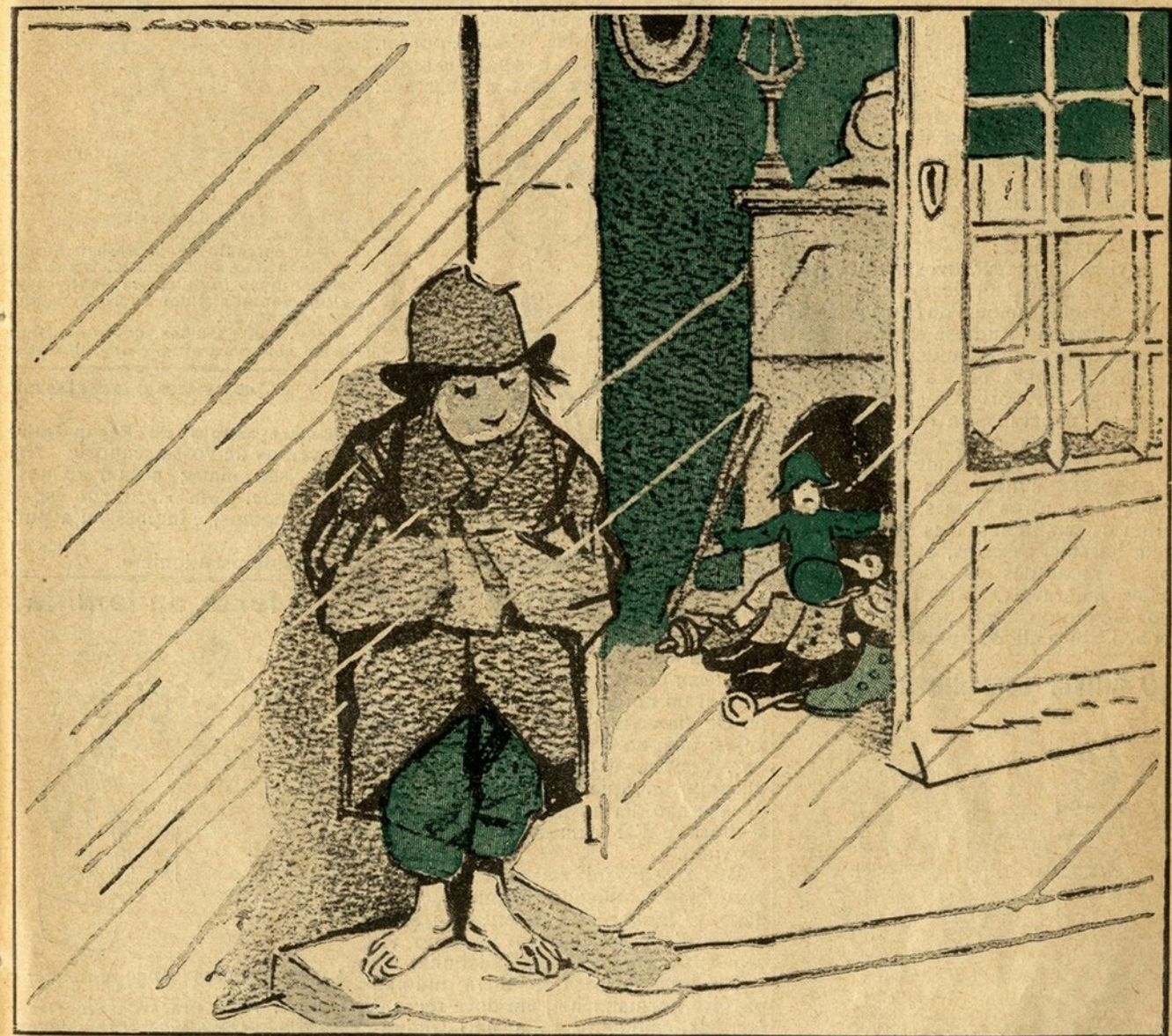




O Natal dos nús



*A criança pobre, espreitando as crianças ricas:
—Se eu tivesse sapatos tambem o menino Jesus me tinha dado brinquedos...*

PALESTRA AMENA

A consoada, etc.

Lindo costume o de se juntar toda a familia na noite do Natal, em refeição comum, novos e velhos, os que estão longe e os que estão perto! Nas grandes cidades desconhece-se, em geral, esse quadro, ou não se lhe atinge a beleza; mas na aldeia, nas pequenas povoações provincianas, ele desenha-se em toda a sua simplicidade, com a encantadora significação que possui, de amor, de fraternidade, de paz.

Nos centros populosos e modernos são outros os quadros a que o Natal dá origem: a arvore dos brinquedos, os brindes do Menino Jesus nos sapatinhos... N'estes, é principalmente a festa das crianças, também deliciosa, sem duvida; mas na aldeia a festa é igualmente dos velhos, os quaes não são menos de acarinhar do que os pequenitos.

Entretanto, este ano a consoada como as outras cenas comemorativas do divino nascimento, não teem talvez o brilho habitual; pelo menos, certa viuva nossa conhecida, que todos os anos via, na noite do Natal, rodeada a sua mesa pelos netos e pelos filhos, sabemos que se encontra d'esta vez sósinha ao pé da grande lareira onde antigamente crepitavam com alegria os toros de pinho, e que se alguma coisa ceou, foram as próprias lagrimas, porque de filhos e netos só recebeu cartas tristes desculpando a não comparencia: as dificuldades da vida, os preparativos para a guerra, a ansiedade de noticias....

E sabemos também de casas remediadas, cidadinas, onde se erguiam n'este tempo arvores abundantissimas de quinquilharias, para centos de crianças, e que hoje, por obrigada economia, que ricos e pobres teem de observar, só parcamente as podem distribuir. E o menino Jesus? Esse, também deixou de contemplar muitos dos seus amiguinhos dos outros Nataes; de alguns visitou os sapatinhos, mas os brindes foram baratos, caseiros, bonecas de trapos, preparadas ás escondidas por mães amáveis, soldaditos de chumbo comprados em capelistas pobres, pouco ou nada da opulencia anterior.

O Kaiser comemora o Natal



Para os seus generaes:

—Senhores: como bons cristãos procuremos imitar qualquer dos grandes vultos que se tornaram notáveis por ocasião do nascimento de Jesus Cristo.

Herodes, por exemplo, que foi o mais kulto d'aquella epoca...

Boa ocasião, entretanto, para uma lição de humildade ás crianças; os paes explicar-lhes-hão que o Menino Jesus, nascido em palhas, não pode deixar de ser modesto nas dadivas—e ás que nada receberam e estranharam o facto, contar-lhes-hão que o dito Menino, como ainda estão frescos os ultimos acontecimentos revolucionarios e a suspensão de garantias, não se atreveu a sair depois da meia-noite, não tanto pela prisão a que se arriscaria, como por não poder pagar na Boa Hora a quantia de 10\$54,5.

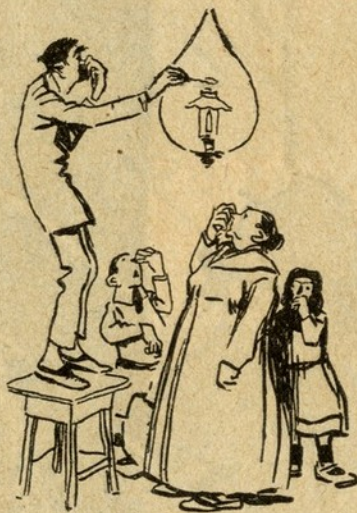
JOSÉ NEUTRAL.

O sulfidrico

O Natal em Lisboa foi terrivel, dando-se uma crise só ha pouco explicada. A principio atribuiram-se os acontecimentos que passamos a revelar, ao nervosismo produzido pelo estado de guerra, agora, porém, sabe-se que é devido a causas internas, ou antes, intestinaes.

Passemos a contar.

Em casa do Lopes foram despedidas quatro criadas em quatro dias successivos. As raparigas portavam-se excelentemente até á noitinha. A' hora, porém, de se acender o gaz, a esposa do Lopes ia á cosinha, tapava o nariz e berrava:



—Então que maneiras são essas?! Já fóra da minha casa!

O Antunes e a mulher, que são os esposos mais unidos d'este mundo e não teem criada, por pouco se não divorciaram no começo do mez corrente. De dia viviam como Deus com os anjos; quando o Antunes ia a abrir o gaz, a mulher declarava que o não podia suportar, que quem tinha aquella doença não devia estar ao lado de uma senhora, e d'aí a ameaça do divorcio proximo.

Mas o peor foi em casa do Silva, porque ali a injustiça chegou á crueldade. E' numerosa a familia do Silva e além d'ela, em convívio fraterno, vivem duas criadas e uma cadelinha.

Tambem em casa do Silva tudo se passava normalmente, em doce recreo familiar, emquanto o dia não declinava. Acesos, porém, os bicos de gaz, a discussão acalorava-se:

—Foste tu! exclamava o Silva, para a mulher.

—Eu? ó filho: só se foram as pequenas!

Estas indignadas:
—Nós, graças a Deus, não estamos rotas. Só se foi o mano!
Este, apontando para as criadas:
—Foram estas enxovalhadas, é que foram!

As criadas:

—Crédo! Foi a *Niniche*, que não bem conhecemos pelo cheiro!

Resultado: a infeliz *Niniche* apanhou uma sova monumental de toda a familia, e o Silva ainda agora estaria aos pontapés á cadelita se não apparece o homem do jornal com o *Seculo*, edição da noite, onde ele leu a revelação de que a Companhia do Gaz estava envenenando o publico com acido sulfidrico canalizado,

Voltou o socego ao seio das familias, mas impõe-se uma desinfecção rigorosa aos diretores da companhia e o isolamento n'alguma charneca afastada da capital, enquanto estejam desarranjados dos intestinos.

A pobresa de Nossa Senhora



N'uma igreja da aldeia.

O abade, prégando:

—Que exemplo de pobresa e humildade nos dá a Sagrada Familia, meus amados irmãos! Como fugiu Nossa Senhora para o Egito? montada n'um burro arriscando-se a ser apanhada.

Notaes, meus irmãos, que não tinha d'nhelro nem para alugar um automovel!...

Correspondencia

Mestre-escola de Peras Ruivas—Os versos de vossa senhoria—*Oração*—não são maus; pecam apenas pela quantidade. Com o pequeno espaço de que dispomos, é impossivel a publicação.

Mude de pseudonimo.

A festa da familia



A dona da casa dando cinco mil réis á criada:

—Toma; vae á Praça da Figueira e trahe um peru, um pato, uma ave qualquer, seja por que dinheiro for. Sempre é a festa da familia!

De aí a duas horas a criada, de regresso:

—Aqui tem, minha senhora.
—Mas isto é um pardal!
—Por cinco mil réis foi a unica ave que se pôde arranjar!

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

Herodes

A proposito do Natal, meninos e meninas, vou agora falar-lhes de uma figura historica que certamente muito os tem aterrado, pela sua crueldade aplicada ás crianças: refiro-me a Herodes, governador civil da Judeia, provincia pertencente a Roma, antes da guerra atual e de outras anteriores a esta.

Não conheci Herodes pessoalmente, nem tal coisa me peza, porque me consta que era individuo de ruins costumes; d'ele se conhecem alguns atos que denotam grande ferocidade, entre eles o da matança dos innocentes, que é o que nos ocupa n'este moment.

Havendo Herodes recebido do governo central um telegrama participando-lhe, que, segundo a denuncia de certa parteira, estava para nascer brevemente na provincia a seu cargo um menino com todos os indicios de vir a ser revolucionario civil, e recomendando que providenciasse convenientemente, o patife não achou meio melhor de evitar o acontecimento do que mandar degolar todas as crianças recém-nascidas. Parecia alemão, o maroto!

Felizmente S. José, pai do futuro revolucionario, na sua qualidade de membro das associações operarias, tinha a sua policia excelentemente montada; assim, a ordem de Herodes foi-lhe transmitida pelo telefone, por um colega carpinteiro que trabalhava nas obras do paço e logo o santo resolveu fugir com a esposa e com o filho para onde não chegasse o poder de Herodes; por isso escolheu o Egipto e por ser excelente o caminho, todo em linha réta, na frente do nariz, sem o empecilho do canal de Suez, que então era um istmo insignificante, e sem lamas na estrada, de areia, em grande parte da sua extensão.

E' certo que a fuga se efetuou n'uma simples burrinha, mas a escolha do meio de transporte, á primeira vista comprometedor, foi mais uma manha de S. José: quem se lembraria de que a fuga, em vez de se fazer em comboio, seria feita em jumenta? Assim, a policia de Herodes, tendo partido no rapido para a fronteira, foi facilmente codilhada: a vigilancia fez-se apenas nas estações terminus do caminho de ferro e não nos caminhos vicinaes.

Com a falencia das suas providencias entrou com Herodes uma doença que deu que fazer aos medicos; examinaram-lhe o cerebro com os raios X, vacinaram-o contra varias enfermidades possiveis e só diagnosticaram a neurastenia aguda quando esta se manifestou com toda a evidencia.

Não nos diz a historia que fim levou Herodes, porque a censura romana era muito rigorosa, mas hoje sabe-se positivamente que se suicidou com um tiro de revolver.

Não se perdeu nada.

Bonaparte

(Aluno do Liceu Camões).

EM FOCO



O Menino Jesus

Vêde que estranho e misterioso fado
Presidiu ao divino nascimento
Pois tão alto Menino, um tal portento
Foi dado ao mundo n'um curral de gado!

E logo, desde o rei mais sublimado
Ao zagal mais humilde e lazarento.
Uma estrela guiou do firmamento
Por que fossem brindar o recém-nado!

Mas o que mais assombra no presente
E' que ele dedicasse igual carinho
Ao pastor e ao monarca onipotente,

Pois, entre o mais valioso e o mais mesquinho,
As joias afastava brandamente
Para afagar o pobre cordeirinho...

BELMIRO.

Critica

D'um jornal, a proposito do desempenho do *Infante de Sagres*:

«Carlos de Oliveira, no primeiro ato, disse com entusiasmo e suavidade a patriótica tirada de Gonçalves Zarco.»

Nós, se tivéssemos um jornal por nossa conta: não admitiriamos redatores teatraes atacados de surdez. E' uma doença muito comprometedora.

O Faustino e o Natal



Faustino da Fonseca pára á porta d'uma capelista, onde está exposto um presepio.
—Que é isto? Um Menino Jesus?!
Despedaçando-o á bengalada:
—Toma, que é para não tornares a nascer no ano que vem!

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Amétade dun anjo

Este Natal tanho inxido u papinho: prumêro nu *Nassional*, uma pessa toda ingrassada, xamada *U filho predido*, ós pois, no *República*, oitra, toda triste, *U alifante de Çagres*. De modos que cando quero istar alegre vou intê ó *Nassional* i cando o corpo me pede larguima vou intê ó *República*.

U filho predido é acim: u Inasio, que tem uma fávrica, cando era rapaz deu á lus u Albuquerque i um dia deulle tal iscumpostura cando u istava a insaiar para uma récita damadores cu piqueno fugiu prá America. Arrepenteuce u Pinheiro i foi ter com u Inasio —ca gora aparese casado com a Lusinda du Carmo—i pediule para prôcurar o Albuquerque. Logo o Pinheiro mandou butar pergão lá na America: —A' por aí algum Albuquerque ó óços que vendam?

Não á; mas como o Lois Pinto é a cara do Albuquerque iscrita i escarrada, u Ignasio apresentao ó Pinheiro cumo ce foce filho deste i ele acim u grama. U pior é cu Pinheiro tamem tem uma filha—i é capaz de ter mais cem a jente çaber, u maroto!—que é a Lianor i logo u Lois Pinto ce apaichona pur ela, u que nan ademira nada porque aquilo ce vir um varapau com çaias apaichounace logo. Um dia aparessem o berdadêro filho i a mulher deste i lá ce isplica tudo, casando u Luis com a Lianor, esta deichando u Carlos Çantos, que está pateta por ter feito o Pedro Crú, i acabando a pessa com muntos apelaus que deus queira ce repitam durante muntas noites porque o tradotor é meu amigo i perçicado de jeneros alimentissios.

U alifante de Çagres é a istoria do Ferrera da Cilva cando deichou murrer o irmão em Tanger çó pra não intergar Seuta ós moiros. Pur esta pessa ficamos çabendo cus verdadeiros prattiotas devem cer virjes touda a vida, pur mais cumixões ca Luz Beloso les fassa, não devem fazer caso das iscumpostura das Angila Pinto nem ter amôr á familia.

E' tambem boa pessa i pur ela dou os perabens ó otor, Jaime Cur... (aquí interveio a sinsura). E' um ome que meresse touda a concidração pella çua obra e pur ter iscrito tanto berço; u pior é que com a mania que tamem tem u Marçulino, de meter curasões nas pessos, vem contribuir pró ómento du presso da vaca, que já custa us olhos da cara.

Isculpa nan te fazer a discrisão mais completa mas é caje meia noite, tanho de levar este orjinal á tipografia i ce ós pois da meia noute a polissia manpanha na rua perendeme, porque nan tanho insendio em casa, nem peçõa duente nem vanho du cumboio.

Abrassate o teu

Jerolmo

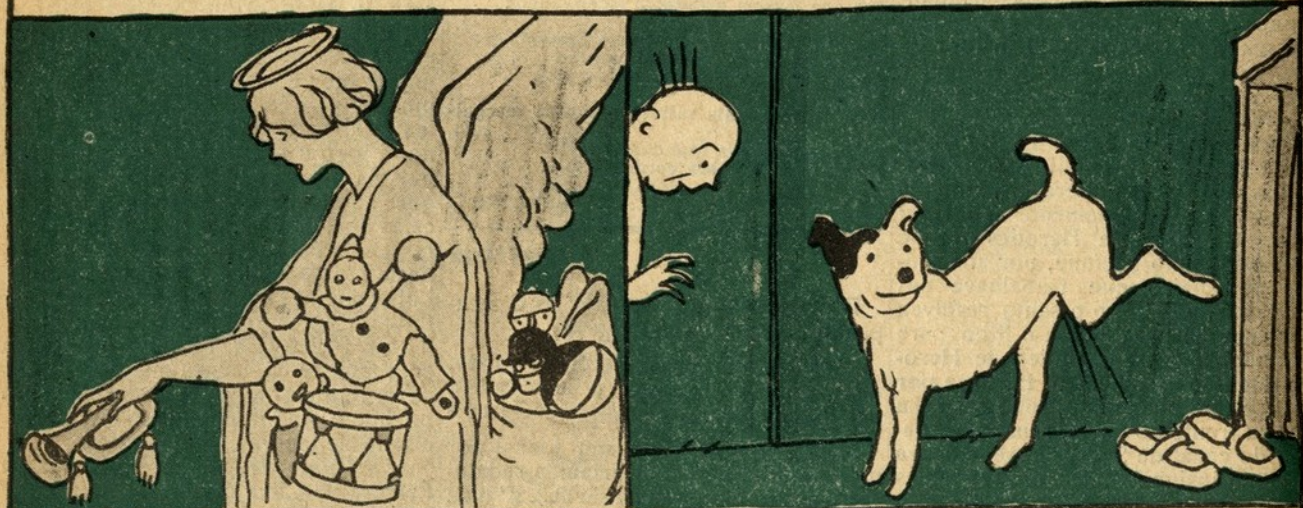
Emprezario do Paulitlana de Peras Rulvas

OS SAPATOS DO MANECAS



1.—O Quim, de quem o menino Jesus é muito amigo, põe as botas na chaminé, na noite de Natal.

2.—Mas o Manecas, sem o Quim dar por isso, tira-as, mete-as na carvoeira, e substitue-as pelos seus sapatos.



3.—Chega o menino Jesus, dá pela troca, dirige-se à carvoeira e coloca os brinquedos nas botas do Quim.

4.—De manhã Manecas corre à chaminé e vê que nos seus sapatos ha apenas vestígios da visita do cão Piloto.



5.—Quim corre também à chaminé e não encontrando as botas chora desesperadamente.

6.—Mas, como é ele quem prepara o almoço, vae de aí a pouco à carvoeira e dá com os presentes do menino Jesus, que assim quiz castigar os meninos invejosos, como o maroto do Manecas.